

FACULDADE DAMAS DA INSTITUIÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

NATÁLIA FERREIRA BÉDER

A POLÍTICA NO FESTIVAL DE CANÇÃO EUROVISÃO

Recife

2025

NATÁLIA FERREIRA BÉDER

A POLÍTICA NO FESTIVAL DE CANÇÃO EUROVISÃO

**Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para a graduação no curso de
Relações Internacionais, sob orientação do
Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva**

Recife

2025

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

B411p Béder, Natália Ferreira.
A política no Festival de Canção Eurovisão / Natália Ferreira
Béder. – Recife, 2025.
53 f. .: il. color

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2025.
Inclui bibliografia.

1. Branding nacional. 2. Cultura. 3. Diplomacia cultural. 4.
Europa. 5. Eurovisão. 6. Festival de Canção. 7. Música. 8. Sociedade.
9. Poder brando. 10. Política. I. Silva, Rodrigo Santiago da. II.
Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2025.2-016)

NATÁLIA FERREIRA BÉDER

A POLÍTICA NO FESTIVAL DE CANÇÃO EUROVISÃO

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para a graduação no curso de
Relações Internacionais.

Aprovada em 02 de dezembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. David José Pereira Gonzaga
FACULDADE DAMAS DA INSTITUIÇÃO CRISTÃ

Prof. Dr. Rodrigo Santiago da Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTITUIÇÃO CRISTÃ

Este trabalho é dedicado ao próprio festival de Canção Eurovisão, que foi um fator constante e presente durante minha formação no curso, e que consequentemente foi responsável por me oferecer diversos tópicos de debate, em sala de aula com meus colegas de turma, bem como com os meus pais, e como forma de revisar os assuntos que eu havia aprendido em sala de aula e que serão desenvolvidos neste trabalho de conclusão de forma mais detalhada.

O festival de canção Eurovisão me possibilitou a conexão com minha ascendência portuguesa, e permitiu com que eu tivesse a possibilidade, ainda que distante, de ter um vislumbre sobre a vida e cultura europeias ainda que não façam parte de minha história e cotidiano propriamente ditos. Desde pequena, eu sempre notei uma tremenda conexão entre eu como pessoa e a cultura; eu já participei de corais, de grupos de canto e teatro, tive aulas de piano, flauta e balé, e consequentemente já me apresentei inúmeras vezes, por isso, no universo do Eurovision encontrei um lugar de acolhimento e conexão, que me proporciona tudo aquilo que eu sempre transmiti.

Para além disso, ainda desde a infância, eu tive o privilégio de aprender diversos idiomas por conta do tremendo incentivo dos meus pais, bem como por conta do meu interesse pessoal, e por meio do festival eu pude ver a realidade da qual eu compactuo, o diálogo e apresentações em diversos idiomas, e o respeito e prestígio a todos eles igualmente. Assim, parte dessa dedicatória também se direciona aos idiomas que aprendi, bem como aos que eu ainda planejo e desejo aprender.

Finalmente, dedico este trabalho a todos os eventos culturais e projetos de incentivo à cultura mundiais. Ainda que, muitas vezes, colocada em locais subalternos e vista com menor importância do que outros ramos de interesse humano, a realidade é que nos momentos em que mais se precisa de apoio, na grande maioria das vezes este apoio é proporcionado pela cultura. Seja por meio da escuta de canções durante o expediente de trabalho, seja pela leitura de um livro como forma de viajar para um outro universo, seja por meio de um filme ou série que o permita desopilar; a cultura faz parte do imaginário coletivo, ela faz parte de nós e consequentemente merece o devido respeito e atenção.

Assim, como diria Alike, a representante da Estónia no festival de canção Eurovisão de 2023, “Now I see myself building up a world of bridges” - agora me vejo construindo um mundo de pontes. Assim como a Alike, eu desejo por meio deste trabalho criar pontes entre a cultura, política e as relações internacionais.

AGRADECIMENTOS

Acerca dos agradecimentos sobre esse trabalho, tenho diversas pessoas às quais devo dedicá-lo, desde meus colegas de turma, que me possibilitaram um aprendizado mais lúdico, que me proporcionaram diversas discussões pertinentes, e que me ajudaram a carregar todo esse processo, que às vezes pode vir a ser tão árduo, até os professores da instituição que sempre nos acolheram e nos deram atenção e auxílio em todos os momentos necessários. Em especial, gostaria de agradecer a Luana Scipião e M^a Eduarda Lopes por me acolherem, desde o início. Para além destes, gostaria de agradecer também aos meus amigos que fazem parte da minha vida desde o infantil, fundamental e ensino médio, e que permanecem ao meu lado, escutando sobre tudo que eu tinha a falar, sem julgamentos, e muitas vezes oferecendo a perspectiva própria deles.

Aos tantos professores de idiomas que passaram por minha vida, eu não estaria nesta posição se não fosse por vocês: Marcus Matos e Rachel Levy, que me auxiliaram tremendamente no meu desenvolvimento no inglês (e que se não fosse pela desenvoltura que eles me ajudaram a desabrochar, eu muito provavelmente não teria me direcionado a um curso tão ligado com as relações interpessoais e comunicativo). À Lúcia Bodeman e Scott Harrison por terem me proporcionado também um desenvolvimento tremendo no conhecimento da língua e literatura inglesa e americana e inglesa, que me permitiu as bases para o desenvolvimento na vida, e neste curso. A Dione Ferreira e a Pablo Capdevielle por me auxiliarem no aprendizado do idioma e da cultura francesa de forma mais próxima.

À Pedro Lima, também gostaria de agradecer por todo o apoio e suporte desde o início do curso até essa reta final, por todas as ligações de estudo, por nossas sessões de estudo em conjunto, e por todo o apoio dentro e fora do ambiente acadêmico.

À minha família como um todo, minhas tias, tios, primos e primas, e principalmente minha tia Fátima, que também como minha madrinha, sempre se preocupou com a minha formação adequada, e sempre me apoiou e esteve em busca do melhor para mim.

Gostaria de agradecer também aos meus pais: Maurício Béder, por sempre ter se prontificado a me levar para todos os locais que eu precisava ir, seja para projetos, cursos, ensaios, estágio ou trabalho, por se interessar no que eu faço, e se orgulhar de tudo que eu fiz e faço; e à minha mãe, Idalina Ferreira, por sempre ter proporcionado o melhor para mim, acreditando na minha capacidade de ir além, de superar os meus limites, de conquistar todos os idiomas, cursos e certificações possíveis e imagináveis, acreditando que tudo que já tenho

não é o suficiente, e assim me incentivando a sempre superar minhas próprias expectativas, metas e limitações. Finalmente, gostaria de agradecer a Deus, por todas as bênçãos que ele proporcionou ao longo do curso e ao longo de toda a minha vida.

RESUMO

Esta monografia consistiu em um estudo sobre as constantes movimentações inerentemente políticas ocorridas no tradicional festival de canção europeu: o Eurovision, ou Eurovisão, e teve como título a política no festival de canção Eurovisão. Ela foi desenvolvida por meio do método qualitativo, e teve como resultado a conclusão de que ainda que a organização tente defender o evento como apolítico, ele inerentemente consiste em um evento internacional de teor político. Esta análise foi desenvolvida em três momentos, onde em um primeiro momento foi explorada a história do festival até o momento atual, destrinchando como e porquê dele ter sido criado. Subsequentemente, sendo esmiuçados os termos essenciais para a compreensão da política por trás do evento, que se repousam, e tem como marco teórico, o soft-power de Joseph Nye e a diplomacia cultural, bem como na análise do uso da música como instrumento das relações internacionais e o processo de branding nacional que também se faz presente; para finalizar com os estudos de caso sobre diversos momentos onde o festival que se diz apolítico escapou dessa noção que ele busca sustentar. Assim, essa análise de estudo de caso, tem como intuito compreender se, ainda que ele se defenda apolítico, na realidade, o festival de canção Eurovisão termine por ser e possibilitar um palco internacional para manifestações políticas, debates, e defesa de ideais. Este estudo foi desenvolvido por Natália Ferreira Béder e sob a supervisão do professor orientador Rodrigo Santiago da Silva em 2025.

Palavras-chave: branding nacional; cultura; diplomacia cultural; Europa; Eurovisão; festival de canção; música; sociedade; poder brando; política.

ABSTRACT

This term paper consists of a case study about the continuous inherently politic movements that occur in the traditional, european, song contest: the Eurovision Song Contest, and it is titled as the politics inside the Eurovision Song Contest. This project was developed through the qualitative method and had as its result the comprehension that the Eurovision Song Contest is indeed a political event, even if its organizers insist in it being apolitical. This analysis was developed in three distinct moments, in the first part, the reasons behind the creation of the contest and its history were explained. Secondly, the terms that are essential for the comprehension of politics that play a role into the festival year after year were studied, such as Keohane's Soft Power, Cultural Diplomacy, the relation that is inherent between music and international relations, and nation branding and the ways in which it makes an impact in this study. Finally, the case studies were also explored in a way to showcase the various moments in which the apolitical contest has in fact distanced itself from its apolitical beliefs. Therefore, throughout this paper, with the use of the qualitative approach, it will become comprehensible whether the self-proclaimed non-political contest is in reality, exactly the opposite to what it wishes to be, as it allows an international stage for political expression, debates and defense of specific ideals. This paper was developed by Natália Ferreira Béder under the supervision of the advisor professor Rodrigo Santiago da Silva in 2025.

Key words: cultural diplomacy; culture; Europe; Eurovision; nation branding; politics; society; soft-power; song; song contest.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hatari com a bandeira Palestina.....	35
Figura 2 - Madonna pela paz entre Israel e Palestina.....	36
Figura 3 - Systur e bandeiras ucranianas.....	38
Figura 4 - Mão com bandeira ucraniana.....	39
Figura 5 - Kalush Orchestra e a vitória ucraniana em meio à invasão russa.....	41
Figura 6 - Unhas em padrão Keffiyehs de Iolanda.....	43
Figura 7 - Joost Klein escondido por debaixo da bandeira holandesa.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROBLEMATIZAÇÃO.....	13
3 OBJETIVOS.....	14
3.1 Geral.....	14
3.2 Específicos.....	14
4 MÉTODOS.....	15
5 JUSTIFICATIVA.....	16
6 HISTÓRIA E FUNCIONAMENTO DO FESTIVAL.....	18
6.1 Introdução ao festival.....	18
6.2 Funcionamento do festival.....	19
6.3 Expansão e evolução no continente europeu e demais países participantes.....	20
6.4 A política no festival.....	21
6.5 O impacto cultural mundial do festival.....	23
7 O SOFT POWER, A DIPLOMACIA CULTURAL E A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	25
7.1 O Soft Power e seu impacto no Eurovisão.....	25
7.2 A diplomacia cultural como ferramenta na política internacional.....	27
7.3 A música e seu impacto nas relações internacionais.....	28
7.4 Nation branding nas relações internacionais.....	30
8 OCASIÕES ONDE O FESTIVAL “APOLÍTICO” SE MOSTROU POLÍTICO.....	32
8.1 Edição de 2019: a apresentação pró-Palestina islandesa e a apresentação de Madonna.....	33
8.2 Edição de 2022: a vitória ucraniana e o banimento russo.....	36
8.3 Edição de 2024: o suporte à Palestina e o isolamento de Israel.....	42
8.4 Edição de 2026: o preâmbulo do conflito causado pela contínua participação israelense.....	46
8.5 Demais edições e seu teor político.....	46

9 CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho de conclusão de curso consiste em compreender a importância do festival de canção Eurovisão tanto sobre a política quanto sobre as relações entre os países participantes. Para além disso, também tem-se como intuito de serem exploradas as diversas formas nas quais as decisões políticas tomadas no festival, que consistem desde as ações a falas feitas pelos representantes dos países, de suas delegações, os jornalistas que opinam sobre o evento até sobre os atos musicais dos convidados por parte do festival (para a performance no palco nas suas diversas edições), são responsáveis por afetar tanto a cultura, quanto o povo europeu e consequentemente moldar a sociedade europeia, e transparecer uma imagem a qual a Europa e as nações participantes buscam transmitir na seara internacional.

Esta análise se desenvolverá em três partes, onde em um primeiro momento, será desenvolvida a história do festival, o que engloba os seguintes temas: o motivo por trás de sua criação, as inspirações tomadas para sua existência, a forma na qual ele se tornou o evento internacional o qual conhecemos hoje em dia, o seu funcionamento, e finalmente a forma na qual a política pode se fazer presente nele. Em segundo momento, serão definidos os termos que se caracterizam como essenciais para a compreensão deste estudo como um estudo devidamente das relações internacionais, o que será desenvolvido por meio de conceitos de: soft power, diplomacia cultural, bem como por meio de estudos que buscam compreender a relação clara e inerente presente entre as relações internacionais e a música, e no princípio de nation branding. Finalmente, a última parte deste documento buscará analisar de fato as ocasiões nas quais o festival não político demonstrou o seu viés político e assim, consequentemente, se chocou contra seus próprios princípios. Nesta última parte, serão explorados eventos recentes como as edições de: 2019 com o evento provocado pela participação da delegação islandesa, bem como pela apresentação da Madonna, a de 2022 com a vitória ucraniana, e o banimento russo em meio à guerra com a Ucrânia, a de 2024 com o apoio à Palestina e a segregação de Israel, a ainda não ocorrida, edição de 2026, e os conflitos que já se apresentam neste período pré-festival. Para além de todas as edições mais recentes anteriormente mencionadas, também serão analisadas, ainda que de forma mais superficial, diversas edições em que o viés político se fez claro e evidente, e que consequentemente serão responsáveis por explicitar a constante presença política sobre o festival, responsável por atravessar décadas, se reinventando e consequentemente promovendo a manutenção de sua existência desde o início do festival, e até a atualidade.

Finalmente, serão tomadas conclusões finais acerca do conteúdo aqui desenvolvido de forma tal a firmar a resposta acerca do envolvimento político presente no evento que se defende tão veementemente como apolítico.

De forma a introduzir, ainda que de forma breve, o tema de estudo deste documento, o Festival de canção Eurovisão consiste em um evento de música europeu, que já se faz presente no mundo por mais de 65 anos. Consequentemente, após tantos anos de existência, em meio a toda a sua história, o Eurovisão foi responsável por dar palco a diversos tópicos, sendo eles tanto de defesa de direitos humanos, como formas de representar o rompimento de países com a ordem soviética no período pós guerra fria bem como de luta pelo reconhecimento internacional daquelas nações, tudo isso sendo desenvolvido em meio a um cenário vibrante, energético e caloroso, responsável por recepcionar, na última edição, de 2025, um grande total de trinta e sete países, de três diferentes continentes: sendo eles trinta e quatro países europeus, dois países do oriente médio e um país da oceania. Já sobre a relação entre a política e o festival, o que é fato sobre o evento é justamente a questão de que o mesmo busca se distanciar ao máximo de pontos políticos, sejam eles presentes nas canções dos concorrentes, seja na fala dos representantes, ou na forma na qual eles buscam se apresentar¹.

¹ Seja pelas roupas por eles trajadas, ou adereços por eles portados.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Após essa breve introdução sobre a política do festival de canção da Eurovisão, do porquê de sua existência, e da compreensão acerca da forma como o Festival funciona, quem são seus membros, e as informações básicas para a compreensão acerca dele e de sua dinâmica, é possível o entendimento da fonte motivadora para a pesquisa e abordagem do tópico em questão. Este trabalho busca, em sua extensão, compreender as questões políticas inerentes ao festival que se diz “apolítico” e as formas nas quais os movimentos políticos nele manifestados detêm importância e relevância no estudo das relações internacionais. Assim sendo, esse projeto se propõe a responder à seguinte pergunta: “O Festival de Canção Eurovisão é de fato um festival apolítico conforme defendido pelos seus organizadores?”.

A análise que será desenvolvida por meio deste estudo buscará então, responder a dúvida do projeto, sobre se existe, ou não, o envolvimento político em meio ao Festival de Canção da Eurovisão, e por meio deste também esmiuçar o destaque do festival no estudo das relações internacionais.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

- Compreender a importância do festival de canção Eurovisão sobre a política entre os Estados participantes, e formas pelas quais as decisões políticas tomadas nele afetam a cultura, política e interações das nações participantes.

3.2 Específicos

- Analisar a história do festival, buscando compreender seu início e processo de formação e desenvolvimento.
- Desenvolver a importância do entretenimento, da arte, da música como métodos poderosos de “soft power” e diplomacia cultural sobre questões políticas sobre as quais os Estados se sujeitam.
- Esmiuçar algumas ocasiões onde o festival que se diz “apolítico” mostrou que esse ideal “apolítico” na realidade não se mantém em todas as situações, e que de fato existem exceções à regra.

4 METODOLOGIA

O método que foi empregado para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso consiste em uma pesquisa de tipo qualitativa, onde foram analisadas as ocasiões específicas do festival, que foram responsáveis por possibilitar o seu teor político, ainda que o festival anseie constantemente em se projetar como uma celebração apolítica, e consequentemente aquém de qualquer tipo de atitude politicamente carregada.

Assim, o estudo deste caso foi feito por meio de uma pesquisa qualitativa, por ela ser mais apropriada para o estudo de temas sociais, e em muitos casos, subjetivos. Ademais, visto que a análise acerca do impacto político do Festival de canção Eurovisão, sobre a realidade europeia se trata de uma questão de fato específica, e que não pode em hipótese alguma ser quantificada, é evidente a necessidade de se utilizar da técnica qualitativa para o desenvolvimento desta pesquisa.

Em relação à pesquisa em questão, o foco principal desta análise recaiu sobre os casos ocorridos no festival nos anos de 2019 (com os eventos da delegação islandesa e Madonna), em 2022 no caso da vitória ucraniana, no caso de 2024 e no apoio gritante à Palestina por parte dos participantes (principalmente, e de forma mais vocal, pelos representantes de Portugal e da Irlanda), da futura edição de 2026, e dos conflitos que já se fizeram claros nesta edição, e finalmente, por meio da análise de diversas outras ocasiões ao longo dos anos onde o festival apresentou seu teor político, para ressaltar a recorrência desses eventos, e o fato deles não se prendem à atualidade. Para a análise, também foi utilizado o método de análise de estudo de caso, e a partir do embasamento por meio de outros artigos científicos bem como notícias de fontes bem-reputadas, que abordaram o tópico em questão, ou seja, todos os documentos utilizados para este trabalho são advindos de origem secundária.

O processo para a triagem desses dados consistiu em: pesquisa, triagem e selecionamento das pesquisas, reportagens, e notícias, sendo seguido pela assimilação dos dados com o conteúdo a ser abordado, e por fim pela inserção dos dados adquiridos no trabalho de conclusão. Assim, por meio de uma análise comparativa e de estudo de caso, foi possibilitada a compreensão acerca do fenômeno evidenciado pela pergunta de pesquisa.

5 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa é importante para o mundo acadêmico das relações internacionais, e portanto deve ser desenvolvida por conta da clara e evidente marca tradicional do Festival de Canção Eurovisão sobre o continente europeu, e por conta da importância cultural inegável sobre não apenas o solo europeu, como em todo o mundo. Como um festival que foi criado com o intuito de promover a conciliação de uma Europa abalada pós segunda guerra mundial, ele conseguiu não apenas promover a união entre Estados conflituosos, como o fez sem a utilização de forças de cunho militar, o que é um feito honorável, apoiando-se apenas por meio da união pelo poder do “Soft Power”. Como exemplo da potência do festival na atualidade, pode ser citado o caso de 2023, onde 25% das canções do festival entraram no ranking do billboard 100 mundial, e acumulando um total de 200 milhões de streams.

Adicionalmente, a questão do desejo da organização de distanciar a política e o festival de canção consiste em um fator bem simples: a questão de que a origem, e motivo de existência do evento consiste em uma celebração de união por meio da música, como defendido pelo lema do festival desde 2023: “United by Music”². Nas palavras do diretor do BBC, que também é um dos membros do conselho executivo do EBU (European Broadcasting Union)³, Tim Davie: “O Eurovision nunca foi sobre política, ele deve ser uma celebração de música, e da cultura que une todos nós” (Glynn, 2025; tradução nossa)⁴.

Por meio deste trabalho, os conceitos de “soft power”, política, e poder, serão esmiuçados e destacados como fontes essenciais presentes no festival, onde ainda que a política nele não seja permitida, e o impacto da política sobre o festival seja negado, a realidade que se fará presente por meio desta análise será a clareza sobre a influência desta sobre os eventos do festival, e a impossibilidade de desvinculação da mesma de um evento de tamanha magnitude e que envolve tamanha quantidade de indivíduos de diferentes credos, culturas, histórias e anseios.

Com isso, esse trabalho é de importância para o estudo das relações internacionais, pois por meio dele será desenvolvida uma base de análise para a compreensão da importância política evidente do mesmo sobre a sociedade composta pelos que compõem sua audiência, ao mesmo tempo em que poderá ser notado o quanto o mesmo se interliga, ou ao menos serve

² Unidos pela música (tradução nossa).

³ Organização responsável pelo festival de canção Eurovisão.

⁴ Eurovision has never been about politics, it should be a celebration of music and culture that brings people together (Glynn, 2025)

como palco, para a promoção de diferentes ideologias e visões de mundo politicamente antagônicas.

6 HISTÓRIA E FUNCIONAMENTO DO FESTIVAL

6.1 Introdução ao festival

O Festival de Canção Eurovisão é o maior festival de música ao vivo do mundo, sendo um dos eventos mais embasados na tradição europeia; que não só contempla canções de nações europeias como também outros países alheios à Europa e à União Europeia, tais como: Austrália, Azerbaijão e Israel.

O festival teve a sua origem inspirada por um outro festival de origem italiana: o Festival de Sanremo, que já existia desde 1951, o Eurovisão teve sua primeira edição no dia 24 de maio de 1956, cinco anos após o seu predecessor, tendo como participantes apenas sete países: Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália, Luxemburgo e a Suíça.

É válido ressaltar que o Eurovisão não era o único festival de música internacional da época, ao contrário, já existia anteriormente a ele o “Venice International Song Festival”, que se assemelhava ao Eurovisão, compreendendo a competição entre países como a Áustria, Bélgica, França, Itália, Holanda e Mônaco. Ainda assim, um grande diferencial é observado com o Eurovisão, por meio da transmissão televisionada simultânea, em detrimento da transmissão por meio de rádio, e com a apresentação de apenas duas canções por país que eventualmente se transformou em uma canção apenas, na atualidade, isso em contrapartida às seis músicas por país que eram a norma no festival de Veneza. Assim, o surgimento do festival veio como um experimento técnico sobre transmissão ao vivo de forma simultânea, que tem perdurado até a atualidade.

Durante esta primeira edição, tanto a Áustria quanto a Dinamarca queriam participar, mas perderam a data de corte, e o Reino Unido emitiu uma carta de desculpas para justificar a sua ausência do festival naquele ano, devido ao seu festival próprio que ocorria naquela mesma época. Nesta primeira edição do festival, cada país apresentou duas músicas apenas, tendo a música Suíça “Refrain” da Lys Assia, sido vitoriosa na competição em seu ano de abertura (The Origins... 2019).

Na atualidade, a transmissão do festival é feita por meio das emissoras de televisão afiliadas, bem como por meio do youtube para os telespectadores não residentes do solo europeu, e por meio de emissoras que compram os direitos de transmissão do festival.

Assim, o motivo por trás da criação do festival se apoiou sobre o desejo de promover a união no continente europeu, que se encontrava em um período de persistentes tensões por

conta da recém finalizada segunda guerra mundial, e momentânea guerra fria. Com isso, em um momento de tamanha tensão internacional, o festival foi desenvolvido e implementado, como forma de superar os conflitos passados, e ainda persistentes no continente; tendo como objetivo: fazer frente à discórdia, por meio da música e da cultura, para que assim a sociedade europeia fosse capaz de superar os entraves, e complicações promovidas por conta das guerras ocorridas naquele século: “No contexto do pós-Segundo Guerra Mundial, o Eurovision foi idealizado como uma ferramenta para aumentar a integração entre os países do continente” (Malar, 2021).

Enfim, a criação do festival se deu então após a formação da “Eurovision Network” criada pelo Marcel Bençon da Suíça, e teve coincidentemente sua sede nesta primeira edição também na Suíça, na cidade de Lugano, e sendo utilizado como idioma em sua transmissão o italiano (The Origins... 2019).

6.2 Funcionamento do festival

A seleção para a participação no festival pode ser feita de diversas formas, onde enquanto alguns países optam pela seleção interna, sem que haja uma competição própria para a participação no festival, como foi o caso da França, no ano de 2025 com a já conhecida e famosa cantora: Louane. Por outro lado, outros países optam pela seleção por meio de uma competição própria, como por exemplo, Portugal com o “Festival da Canção”, a Itália com o “Festival de Sanremo” e a Suécia pelo seu festival “Melodifestivalen” (How... 2019).

Em relação à competição presente no festival, esta consiste em um conjunto de todos os países participantes, o que na última edição, de 2025, consistiu nos trinta e sete seguintes países: Albânia, Alemanha, Armênia, Austrália, Áustria, Azerbaijão, Bélgica, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estônia, França, Finlândia, Grécia, Geórgia, Islândia, Israel, Itália, Irlanda, Lituânia, Letônia, Luxemburgo, Malta, Montenegro, Noruega, Polónia, Países Baixos, Portugal, República Checa, Reino Unido, São Marino, Suécia, Suíça, Sérvia e Ucrânia (Time, 2025). Onde esses 37 países competiram, por meio de suas canções, que com um máximo de três minutos de duração, pela oportunidade de chegar ao evento da grande final.

Na competição, a vitória se dá por meio da união dos votos tanto do público quanto de um grupo de jurados de cada delegação, de cada nação, sem que os votantes de um país, seja delegados, seja o público geral, possam votar em sua própria delegação ou país. Quando em

relação à apresentação desses votos, esta é feita de forma ordenada, onde um representante de cada corpo de jurados é responsável por anunciar as pontuações atribuídas aos atos competidores. Assim que os votos do júri são revelados, com base na ordem crescente indo desde o país que recebeu a menor quantidade de votos dos jurados, até aquele que recebeu a maior quantidade desses votos, às delegações são atribuídas as notas do público, até que se chegue no primeiro posicionado perante as notas do júri. Assim, ao se saber o vencedor, ele retorna ao palco, para cantar sua canção mais uma vez diante do público no estádio e dos telespectadores em todo o mundo, e com isso, aquela edição do festival se finaliza.

Com o final do evento, iniciam-se as preparações para o festival do ano subsequente, que consistem: na escolha da cidade da nação vencedora que receberá o festival no ano que seguirá, no design de palco que será feito para a edição, bem como começam a ser lançadas, em meados do segundo semestre do ano, as músicas elegíveis para concorrer ao festival do ano subsequente, e começam a ser selecionados os participantes que serão responsáveis por representar as nações no ano que seguirá.

6.3 Expansão e evolução no continente europeu e demais países participantes

Historicamente só era permitida, no festival, a participação de países pertencentes à União Europeia de Radiodifusão, não sendo permitida contudo a participação de países pertencentes ao bloco soviético, o que já apontava a presença política como uma força inerente ao festival. Atualmente, os membros ativos da União Europeia de Radiodifusão⁵, que também pertencem ao conselho da Europa têm o direito de participar da competição; o que possibilita com que países como: a Armênia, o Azerbaijão e Israel possam ingressar no festival, o que ocorreu respectivamente nos anos de: 2006, 2008 e 1973.

Já em relação à Austrália, o país recebeu a concessão de participar do Festival em 2014, isso devido a atenção, popularidade e carinho australiano pelo Eurovisão, visto pelo fato de que a nação transmitiu o festival no ano que antecedeu a sua entrada no mesmo, antes mesmo de seu ingresso efetivo. Por conta desses fatores, e eventualmente por meio do pagamento de taxas que correspondiam às da UER, a Austrália foi inserida como um país concorrente do festival de forma definitiva. Para além disso, é válido ressaltar que a nação australiana, em grande parte, não obteve muito sucesso na competição, tendo conquistado sua melhor posição em 2016, quando atingiu o feito inédito e nunca replicado para o país, de

⁵ Ou UER.

chegar ao segundo lugar geral na grande final, seja por fatores políticos ou culturais, a nação até o momento de conclusão deste artigo, não só não conseguiu a vitória do festival, como nos últimos anos não foi nem capaz de chegar à grande final, sendo retida de participar, por conta de baixa quantidade de votos, esse fato se deu nos anos de: 2018, 2021, 2024, e mais recentemente, neste ano, em 2025. Para completar é válido ressaltar o aspecto político que permeia a participação do país da oceania, que consiste no fato de que o festival é responsável por promover a cultura, nacionalismo e identidade nacional, bem como por trazer atenção sobre a nação, expandindo seu controle internacional, trazendo assim mais atenção por meio deste processo de exposição (Dixon, 2024) consequentemente expandindo o seu soft-power e reconhecimento internacional, e assim justificando a sua participação no evento, ainda que os votos destinados para o país não sejam dos mais generosos, e que o país não obtenha resultados efetivamente positivos de forma recorrente.

Finalmente, é válido apontar o fato de que o Eurovisão ainda possui espaço para a expansão, leia-se como, a participação de mais nações no evento. Isso se deve ao fato de que países como a Argélia, o Egito, Kosovo, Líbia, Tunísia, e a Groenlândia, por exemplo, estão elegíveis a participar no festival, mas ainda assim, nunca o fizeram; e para além destes, o festival, em grande parte, se apresenta de portas abertas para o retorno de países que não consistem mais em competidores recorrentes. Assim, nações como: a Macedônia do Norte, a Turquia, Andorra, Bósnia e Herzegovina, Hungria, Mônaco, Montenegro, Marrocos, Sérvia, Eslováquia, ainda que já tenham participado do evento, e saído seja por questões políticas, ou até pelos custos envolvidos na participação do festival, ainda possuem a oportunidade de retornar ao evento caso assim desejem.

Finalmente, no que tange o festival de 2026, a organização do festival já publicou em seu instagram o anúncio do retorno de três países: Moldávia, Romênia e Bulgária, que depois de um, dois e três anos respectivamente de ausência, decidiram retornar ao evento. Esse ato representa a capacidade do festival de atrair novamente antigos concorrentes, e com isso, evidencia a capacidade do festival de conquistar novos competidores, e consequentemente ser capaz de continuar a expandir o seu domínio e influência sobre o cenário europeu em um cenário futuro.

6.4 A política no festival

Historicamente, quanto à política do festival, de praxe, os organizadores sempre defenderam a posição de que ele é apolítico, e que dessa forma, questões territoriais ou políticas de Estado, não são de importância para ele, e que, com isso, manifestações políticas nem são de interesse do evento, nem têm palco para tal. Isso tendo sido evidenciado pela impossibilidade de manifestações de cunho político durante o evento ou incluídos nas canções, propagandas que são apresentadas durante o festival, por meio das emissoras nacionais que transmitem o festival, por exemplo. Contudo, a realidade que se faz presente anualmente não apenas ao redor do festival (como a ocasião dos protestos ocorridos antes do festival de fato), bem como em meio ao seu acontecimento tendem a promover uma imagem diferente da desejada pela sua organização.

Contudo, ainda que o festival se defenda como apolítico, certos acontecimentos nele ocorridos tendem a defender uma outra perspectiva sobre ele: a questão de que na realidade, ele é fortemente atrelado à política internacional. Alguns momentos onde o entrelaçamento político do Eurovision se tornaram alvo de críticas e apontamentos da comunidade internacional consistiram na expulsão da Bielorrússia por conta da nação ter recusado o processo de reescrita da canção no ano de 2020: “o país foi impedido de participar do festival após se recusar a alterar a música que seria enviada para a competição, com um tom de elogios e defesa do político” (Malar, 2021). Fora o caso da Bielorrússia, também pode ser citado o caso Israelense, onde a nação foi forçada a reescrever a música que competiria na edição de 2024, por Eden Golan, nomeada de “October Rain” em sua versão inicial, e que eventualmente foi reescrita de forma tal a não representar, de forma tão clara, um paralelo aos ataques ocorridos em 7 de outubro de 2023, no festival de música em Israel, que levaram à escalada dos conflitos na faixa de Gaza. Assim, a música israelense daquele ano lá tornou-se “Hurricane”, tendo essa mudança sido aprovada por Isaac Herzog, que defendeu a manutenção da participação israelense no festival, não importando o custo (Savage, 2024).

Visto isso, faz-se claro o viés político presente no festival, não apenas por meio das canções que são submetidas a ele para a participação, como também pelos diversos protestos que já ocorreram em nome e por conta do festival, tanto em ocasiões anteriores a ele bem como no próprio dia do evento. Já outro ponto onde nota-se a política que permeia o evento pode ser observado nas atitudes dos artistas, seus posicionamentos políticos pessoais e pelas formas nas quais esses posicionamentos refletem sobre o evento. Assim, a política que o envolve não consiste apenas naquilo que seja transmitido pelo evento, como também é

claramente representado pelos fatores que o tangenciam, e fazem parte do imaginário comum do evento.

6.5 O impacto cultural mundial do festival

O Festival de Canção Eurovisão, por se tratar de um acontecimento anual, que ocorre há mais de sessenta anos, pode ser visto como um evento de alta notoriedade e reconhecimento, sendo este reconhecimento e importância internacional vista não apenas por conta de sua importância no solo europeu, mas se estendendo também por todo o mundo. O festival na atualidade já possui telespectadores espalhados por todo o planeta, e para além disso, ele também conta com a participação de nações não europeias no festival, como: Israel, Azerbaijão e Austrália; o que é responsável não só por demonstrar o interesse internacional perante o evento, como sua tamanha significância frente ao processo de globalização integração mundial, e diplomacia cultural.

Além disso, a significância do festival também foi motivadora para o desenvolvimento de um festival em estilo de Reality Show nos Estados Unidos, em 2022, e denominado de “American Song Contest”, que contou com a participação dos diversos estados americanos que concorriam entre si. Com isso, observa-se que o impacto do Eurovisão foi capaz de superar as fronteiras da Europa, saindo do leste global e atingindo o oeste, demonstrando a expansão não só do interesse pelo evento como também o seu tremendo impacto e capacidade de influência internacional forjada por meio de sua longa história.

Assim, o tema torna-se de interesse para o estudo das relações internacionais por conta do forte reconhecimento internacional do evento, bem como por sua capacidade de influenciar as demais nações a seguirem seu caminho e presenciarem aquilo que nele está sendo desenvolvido, apresentado e propagado. Dessa forma, o estudo sobre a importância política deste festival tão condecorado e internacionalizado se faz evidente, visto que o impacto de quaisquer ações executadas em seu palco são capazes de atingir uma vasta quantidade de pessoas.

Como um festival que foi criado com o intuito de promover a conciliação de uma Europa abalada pós segunda guerra mundial, ele conseguiu não apenas promover a união entre Estados conflituosos, como o fez sem a utilização de forças de cunho militar, o que é um feito honorável, apoiando-se apenas por meio da união pelo poder do “Soft Power”.

Como exemplos da potência do festival na atualidade, podemos citar em primeiro lugar o caso de 2023, onde 25% das canções do festival entraram no ranking do billboard 100 mundial, e acumulando um total de 200 milhões de streams. Em segundo lugar, podemos mencionar o caso mais recente de números de “streams”, ou transmissões das músicas do festival de 2025, onde a vencedora “Wasted Love” da Áustria e do cantor J.J., alcançou o ranking 23 nas paradas musicais, enquanto em 35 lugar ficou a música “Espresso Macchiato” de Tommy Cash, o representante da Estônia deste ano que ficou em 3º lugar a competição; Por fim “Bara Bada Bastu” a música da Suécia do grupo KAJ que foi capaz de alcançar a 46ª posição nas paradas musicais, tendo obtido o 4º lugar na competição daquele mesmo ano, e representando por este feito a primeira vez em que uma música cantada em sueco foi capaz de atingir uma posição tão alta no top 50. Esse último fato ressalta a importância do evento no processo de propagação cultural internacional das nações e de suas culturas, e evidencia sua capacidade de promover feitos nunca antes vistos no cenário internacional cultural (The Songs... 2025). Por meio dessas informações é possível compreender o fato de que o Eurovision é um festival de alto alcance internacional, que consequentemente é muito capaz de promover impactos internacionalmente, e assim, demonstrar então o seu alcance internacional.

7 O SOFT POWER, A DIPLOMACIA CULTURAL E A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Por meio deste trabalho, os conceitos de “soft power”, política, e poder, serão esmiuçados e destacados como fontes essenciais presentes no festival, onde ainda que a política nele não seja permitida, e o impacto da política sobre o festival seja negado, a realidade que se faz base da análise aqui disposta, consistirá na possibilidade, ou não, de desvinculação da política sobre um festival tão politicamente permeado, que detém de uma magnitude tamanha e que envolve uma enorme quantidade de indivíduos de diferentes credos, culturas, histórias e anseios. Assim, no desenvolvimento deste trabalho serão explorados os conceitos do Soft Power, onde serão desenvolvidas explicações sobre as suas definições e para além disso, também serão esmiuçadas as relações observadas entre os conceitos, suas definições e o tema da pesquisa em questão.

7.1 O soft-power e seu impacto no Eurovisão

O soft power é um conceito que possui muita base e poder nas relações internacionais mundiais, sendo ele responsável por viabilizar e sustentar diversas escolhas tomadas no sistema internacional, bem como por moldar a realidade conforme suas necessidades. Com isso, o uso do Soft-Power no mundo e no estudo das relações internacionais se faz crítico e essencial, por permitir o debate, a confecção de opiniões, pensamentos, políticas e ações sem que em momento algum se faça necessário o uso de força bélica, militar ou até que haja uma escalada de poderes e de uso de representantes mais influentes. Contudo, para o desenvolvimento mais profundo desse conceito, é essencial o destrinchamento dele, e para isso segue a definição do poder suave para o seu criador, Joseph Nye (1990, P.167; tradução nossa):

O Poder Suave é tão importante quanto o Poder Duro. Se um estado consegue fazer com que seu poder seja legítimo perante os olhos dos outros, ele vai encontrar menos resistência para seus desejos. Se a sua cultura e ideologia são atraentes, outros serão mais motivados a segui-lo... Em geral, o poder está se tornando cada vez menos transferível, menos coercivo, menos tangível. A moda atual e mudanças

nas questões políticas estão tendo efeitos significativos na natureza do poder e nos recursos que produzem... e o Poder Suave chama a atração cultural.⁶

Visto isso, o Soft Power se caracteriza como o poder de uma nação não quando em relação ao poder estratégico militar, de exércitos e poder físico, mas em relação ao seu poder suave, não bélico. Este tipo de poder consiste na capacidade de um Estado de utilizar seu poder para influenciar outros, não por conta de força bélica ou investidas em guerras. Assim, o conceito de Soft Power claramente se aplica ao estudo do Festival de canção Eurovision e da política nele envolvida por ser responsável por meio de apresentações musicais (no caso do Eurovision, por exemplo) de trazer a tona de forma sutil, por meio de canções, bandeiras, discursos e apresentações, críticas que sejam capazes de promover mudança de pensamentos, modos de agir e de estruturas sociais e culturais previamente aceitas, bem como de desafiar também as perspectivas anteriormente vistas como adequadas.

Dessa forma, o poder suave desenvolvido por Nye se caracteriza justamente por sua habilidade de transcender as barreiras impostas pelas fronteiras, e quebrar com a realidade e com as expectativas dos atores internacionais, tudo isso por meio de sua força em promover a mudança simplesmente por meio de métodos não agressivos, belicosos ou militares. Ainda assim, é de importância ressaltar que a existência do soft power não nega a possibilidade de uso da força dura, ou do hard power belicoso, o que esta forma de poder transmite, consiste na sua capacidade de auxiliar nos processos de poder, podendo ser utilizada em primeira instância, e até aliada ao hard power, como forma de conquistar os objetivos desejados (Zanella; Junior; Silva, 2024).

Com isso, e por meio desses casos em específico é evidenciada a importância do soft power na análise sobre o festival e suas ramificações políticas, bem como a sua clara conexão e aplicabilidade sobre o festival, e a sua importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Considerando o fato de que o soft power busca ser utilizado como um mecanismo mais individual, direcionado às opiniões pessoais dos indivíduos, diferentemente da diplomacia cultural, que porta de um enfoque mais global e formal sobre o conceito de expansão cultural,

⁶ “Soft co-optive power is just as important as hard command power. If a state can make its power seem legitimate in the eyes of others, it will encounter less resistance to its wishes. If its culture and ideology are attractive, others will more willingly follow... In general, power is becoming less transfer- able, less coercive, and less tangible. Modern trends and changes in political issues are having significant effects on the nature of power and the resources that produce... and soft power resources-cultural attraction.” (NYE, 1990, p.167).

nota-se então sua presença na escolha individual de canções a serem tocadas pelo público, por exemplo.

No caso específico do Eurovision, pode ser observada a força de influência de “Soft Power” na edição de 2023, com a posição das canções dessa edição nas paradas musicais. Quando se trata de números, neste caso em específico, 25% das canções do festival entraram no ranking do billboard 100 mundial, e acumularam um total de 200 milhões de streams. Ou seja, por meio dessa análise pode ser observada a realidade de que a cultura, muitas vezes, é capaz de deter força o suficiente para que seja usufruída como uma forma clara de Soft Power, ou Poder Suave de uma nação, ou entidade política, permeando tranquilamente sobre o cotidiano da população.

7.2 A diplomacia cultural como ferramenta na política internacional

Por outro lado, é apresentado o ponto da diplomacia cultural, que também detém um forte poder e impacto sobre os processos internacionais e do sistema internacional como um todo. A diplomacia cultural, por sua vez, se define como: “A diplomacia cultural é a institucionalização dessa intuição antiga: o reconhecimento de que a arte, a língua, a ciência e o conhecimento são também formas de poder” (Couto, 2025). Para além disso, tem-se que a diplomacia cultural: “Foca na ação técnica do corpo diplomático - de uma política externa de um Estado responsável por disseminar os valores e características de um povo a um país parceiro ou a uma comunidade internacional, ainda que em união com outros setores políticos e sociais.” (Zanella; Junior; Silva, 2024; tradução nossa)⁷

Ou seja, o conceito da diplomacia cultural precede o tópico do soft power, que considera e ressalta justamente a importância de se cultivar ideias, e transmitir noções por meio do ensino, ou da emoção. Tudo isso, de forma tal que o sistema se opere de forma simbólica, onde os Estados possam utilizar da questão de expressões culturais, para o desenvolvimento de vínculos e de processos de legitimação daquele poder frente ao setor internacional. Desde o início de sua existência, a cultura foi responsável por moldar a política internacional como forma de unir, ou separar, formar alianças, inimizadas ou até moldar os pensamentos dos indivíduos, e com isso, na atualidade e por meio da diplomacia cultural, esse poder é reforçado.

⁷ First, cultural diplomacy focuses on the technical action – by the diplomatic corps – of a country’s foreign policy to disseminate the values and traits of a people to a partner country or international community, albeit in conjunction with other political and social sectors. (Zanella; Junior; Silva, 2024)

No passado, e nas primeiras utilizações desta ferramenta, podemos citar o uso do idioma francês como língua diplomática por Richelieu e Talleyrand, o que possibilitou sua utilização em temas de conquista por meio de formas alternativas ao bélico. Ainda em um contexto histórico, a utilização dos idiomas e da arte também como uma questão de transmissão de prestígio e poder eram comuns, e serviram de base para o que hoje é dito de diplomacia cultural. Mais tarde, por meio de instituições de ensino tais como a “Alliance Française”, que foi a pioneira nesse processo iniciando em 1883, e o British Council, em 1934, foram responsáveis mais uma vez por explorar o conceito do que viria a ser nomeado de diplomacia cultural, se baseando em um processo de defesa e propagação dos valores, cultura e ideias daqueles grupos aos quais eles faziam parte.

Na atualidade, a diplomacia cultural se apresenta por diversos aspectos, tais como por meio da difusão do conhecimento em centros de estudo, ou por meio de influenciadores digitais internacionais responsáveis por transmitir sua cultura e costumes mundo afora e principalmente e de forma mais relacionada ao trabalho, por meio de eventos públicos internacionais altamente distribuídos, visualizados, compartilhados e de alcance expansivo e crescente, tal como o festival de canção Eurovisão.

A realidade que é clara, na atualidade, consiste na liberdade de transmissão de cultura e ideais de forma nunca antes vista e possibilitada principalmente por meio das novas tecnologias e dos novos métodos de comunicação. Dessa forma também, por meio desse novo processo de transmissão cultural possibilitado pela globalização, nota-se o mais fácil ingresso de diversas nações e culturas e não mais a exclusividade sobre países dominantes e suas culturas neste processo de transmissão de conceitos.

Visto isso, nota-se o Eurovisão como um claro ponto de possibilidade para o desenvolvimento e transmissão de cultura, ideias e princípios, por meio dos mecanismos possibilitados pela diplomacia cultural, em um palco internacional, com milhares de telespectadores espalhados por todo o mundo. Assim, o festival sempre pode possibilitar esse espaço de crescimento para o desenvolvimento e pulverização da cultura dos Estados para os mais diversos campos da seara internacional.

7.3 A música e seu impacto nas relações internacionais

Já no que toca a relação da música com as relações internacionais, pode ser ressaltado o fato de que ela é um fator que compõe a cultura, e que desta forma, por meio de sua

capacidade de adentrar nos mais diversos ambientes sociais, culturais, políticos, em esferas tanto nacionais quanto internacionais, facilmente se faz capaz de estimular, reger e moldar o comportamento humano.

A presença da música é notável desde os processos de formação cognitiva na infância, e com o passar dos anos e com o desenvolvimento individual, a mesma começa a ser capaz de moldar diversos fatores como: personalidade, desejos e interesses pessoais dos indivíduos, assim, marcando presença e consistência na vida das pessoas desde a juventude.

Assim sendo, quando se desenvolve um relacionamento entre música e relações internacionais, o que está sendo colocado em tela consiste na capacidade da música de ser instrumentalizada como mecanismo pelo soft-power, bem como para a diplomacia cultural. Onde, seja possível sua utilização também no processo de promoção de respeito e de entendimento por parte dos envolvidos em seu processo; para que assim sejam viabilizadas as relações bilaterais e multilaterais mais amigáveis, em defesa da cooperação e entendimento mútuo (Özer; Aydemir; Eğılmez, 2024).

A realidade evidente, desta forma, consiste no fato de que a cultura, no que tange a música, por exemplo, consiste em um dos processos humanos capazes de criar elos, perpassar estados, nações, grupos identitários e credos, podendo por meio de um conjunto de palavras, e um bom acorde, promover a unificação e o entendimento. Com isso, a música é evidência da como um forte mecanismo pelo soft-power e pela diplomacia cultural, bem como pela defesa das boas e adequadas relações internacionais, e manutenção do bem-estar internacional.

Assim, seja por meio de festivais ao ar livre, apresentações próprias dos artistas, ou até por meio da escuta de músicas por meio de plataformas digitais, ou ainda que de forma assíncrona, por meio das canções, cultura e música pode ser promovido também um conjunto de relações, laços e uniões entre aqueles que a escutam, promovendo um desenvolvimento de comunidade e união.

Finalmente, por conta do impacto da música sobre a população, cultura, e sua utilização efetiva e clara como um mecanismo de soft-power e de diplomacia cultural, evidencia-se a importância do estudo sobre os aspectos da cultura e música sobre o desenvolvimento das relações internacionais. Com isso, pelo Eurovisão se tratar exatamente de um festival musical que tem como princípio motriz a união pela música, nota-se o vínculo entre o evento, a cultura e seu impacto sobre as relações internacionais e políticas interestatais.

7.4 Nation Branding nas relações internacionais

Por fim, mais um conceito que deve ser pontuado no que se trata das relações internacionais, fenômenos políticos internacionais, diplomacia cultural e soft power, consiste no “Nation Branding”. Este, por sua vez, é caracterizado pela capacidade de um estado de promover a sua imagem o mais positivamente possível perante um cenário internacional, como forma de se propagar para o exterior em uma versão favorável, para ser capaz de se promover na seara internacional da forma que ele deseja.

Em meio ao festival de canção Eurovisão o nation branding pode ser representado pela forma pela qual os Estados internacionais promovem as suas imagens frente ao público internacional. Ou seja, a promoção de Estados recém saídos da união soviética conforme ideias ocidentais, para consequentemente aproximá-los desse ideal o qual eles buscavam se aliar, e que foi observado com a vitória da Estônia em 2001, como uma forma de destacar sua aliança e posicionamento ao ocidente, e não mais à política soviética.

Para além disso, o nation branding também pode ser observado de maneira clara no festival de 2019, ocorrido em Israel, e nos mecanismos pelos quais os responsáveis pela organização do festival na nação utilizaram para a escolha da cidade em que o evento ocorreria. Nesta edição, não apenas a escolha da cidade para sediar o evento era levada em consideração, como também a organização israelense tinha como desejo o seguinte: a adequação e alinhamento perante o sistema ocidental. Ou seja, a nação buscava apresentar à Europa e ao mundo o seu lado mais liberal, desenvolvido e ocidental, e para isso, a delegação israelense decidiu ministrar o evento em Tel-Aviv, ao invés de em Jerusalém. Assim, o conceito de nation branding se destrincha ainda mais na atitude de Israel com o que segue:

Uma característica em comum dos estados que buscam ser sedes de megaeventos é o desejo de aparentar moderno, de ser capaz de ministrar com maestria um projeto como este, e de se inscrever aos valores em comum de sociedades modernas liberais. Ser um país sede para eventos como esse permite aos Estados a projeção dessas características, bem como de serem reconhecidos por as possuírem. (Lutz; Press-Barnathan, 2020; tradução nossa)⁸

⁸ A common characteristic of states seeking to host mega-events is the desire to appear modern, capable of mastering such a project, and subscribing to the shared values of modern liberal societies. Hosting such events enables states both to project these characteristics and also to receive recognition for holding them. This literature points to the extent to which domestic nation-building and external nation-branding have become intertwined (Lutz; Press-Barnathan, 2020)

Já no caso do Reino Unido de nation branding, em 2022, consistiu em um processo onde a nação decidiu por sediar o evento daquele ano em nome da Ucrânia, por conta de sua incapacidade de sediar o evento, já que o país se encontrava em meio a guerra com a Rússia. Essa atitude tomada pelo país se conecta solidamente com conceitos como soft power e de diplomacia cultural, como também é capaz de possibilitar uma análise ainda mais minuciosa sobre as motivações políticas que permeiam as decisões estatais tomadas apenas para serem vistas como uma coincidência, mas que na realidade, são em muitos casos, embasadas em muita reflexão, pesquisa e estratégia, para a promoção da imagem ideal a qual a nação busca promover naquele determinado momento para o público em específico. Assim, a decisão inglesa de sediar o evento ainda que tenha sido representada como solidariedade em meio a uma situação de conflito internacional, também têm um forte teor de nation branding, por conta do desejo da nação britânica de se representar para o mundo como um país que ainda se conecta com a União Europeia, ainda que não mais esteja no bloco, bem como para que o país possa mostrar seu destaque, desenvolvimento e conexão com os demais países como país sede do festival. Por fim, ainda sobre este caso, é válido ressaltar que a nação inglesa não tem muito sucesso no festival, por anos eles foram vítimas de pontuações baixíssimas que muitas vezes são vinculadas aos atos que o país envia para o festival, mas que também se relacionam com a política envolvida por trás da votação das delegações e público. Com isso, por meio da oportunidade de sediar o festival em nome da Ucrânia, a Inglaterra pode representar para a Europa o lado o qual ela apoiara durante a guerra, e consequentemente pode fortalecer a sua imagem no setor internacional, e assim, reforçando o seu branding.

Finalmente, o nation branding, evidenciado pelo caso de Israel em 2019, e do Reino Unido em 2022, foram responsáveis por destacar o poder do soft power e do nation branding por meio do evento. Assim, apresentando as formas nas quais estes conceitos tomam tela e entrelaçam o evento com a política internacional, ainda que este não seja o intuito por trás do evento pela sua organização.

8 OCASIÕES ONDE O FESTIVAL "APOLÍTICO " SE MOSTROU POLÍTICO

Em um festival como o Eurovisão, que existe há mais de seis décadas, e que segue existindo mesmo com mudanças políticas, transformações globais, trocas de regimes, governos e sistemas econômicos, é compreensível a ideia de que "apenas" quatro eventos politicamente carregados ocorridos no festival sejam muito pouco para tratá-lo como um festival pura e completamente político.

Dessa forma, e tendo consciência deste pensamento, faz-se evidente a necessidade de salientar o fato de que ainda que o festival tenha 69 anos de história e que neste trabalho serão estudados apenas quatro ocasiões pontuais deste evento, de forma mais pontual, a escolha desses eventos foi feita de forma tal a trazer à tona o período mais recente do festival, como forma de destacar seu impacto político atual. Assim, por meio do resgate da história política presente nesses últimos sete anos de festival, será mais viável a análise crítica desses eventos, sem que a atenção a eles seja dispersa por conta de um possível excesso de casos a serem analisados. Com isso, os quatro casos analisados consistem em minha concepção própria, de quatro ocasiões onde observa-se o maior destaque, teor, proeminência política em meio ao evento na atualidade.

Visto isso, nesta seção do trabalho, serão analisadas quatro situações específicas: o primeiro caso a ser abordado se refere à edição de 2019, e seus dois casos emblemáticos: a manifestação pró-palestina por parte da delegação islandesa, e a apresentação pró-união por parte de Madonna. O segundo caso a ser abordado consiste na edição de 2022, e o apoio mundial à Ucrânia, bem como a condição da nação russa perante o festival a partir daquele ano e até a atualidade. Depois, serão abordadas as edições de 2024 e de 2025, durante as quais se fez evidente o apoio do público à Palestina, e o isolamento da delegação Israelense em meio ao festival, às demais delegações, ao público presente no estádio nos dias dos eventos e dissonância entre o público presente no festival e os demais telespectadores. Em quarto ponto serão abordados os conflitos que já tomam tela no evento que nem ainda ocorreu, o Eurovision de 2026. Por fim, serão apresentadas também diferentes edições do festival onde ele se fez político, mas que de forma tal a não estender este trabalho eles serão apenas mencionados de forma mais breve e superficial, para ressaltar a persistência política presente no evento anualmente desde sua criação e a impossibilidade de desvinculá-lo de questões políticas internacionais.

8.1 Edição de 2019: a apresentação pró-Palestina islandesa e a apresentação de Madonna

O primeiro caso a ser abordado consiste no caso Islandês de 2019, durante a 64ª edição do festival, na edição sediada em Tel-Aviv, Israel, em um momento onde o conflito entre Palestina e Israel já ocorria, visto que ele é um conflito que pode ser englobado na teoria do conflito social prolongado de Edward Azar (modelo PSC).

O Modelo PSC se refere a um estudo desenvolvido por Azar, que teve como principal objetivo explicar e buscar soluções para conflitos demasiadamente complexos, violentos e duradouros, tendo como intuito a resolução dos mesmos por meio de um processo diplomático não oficial, por meio de negociações entre os líderes e ajuda no desenvolvimento socioeconômico das nações Azar (1990, p.12) como representado à seguir:

Em resumo, conflitos sociais prolongados ocorrem quando as comunidades são privadas da satisfação de suas necessidades básicas na base de identidade comum. De qualquer forma, essa privação é resultado de uma corrente casual e complexa que envolve o papel do Estado e das conexões internacionais. Para além disso, condições iniciais (legados coloniais, posicionamento histórico, e a natureza multi comunal da sociedade) detêm papéis importantes na formação da gênese do conflito social prolongado.⁹ (tradução nossa).

Assim, o conflito Israel e Palestina, que se fez presente em três dos quatro casos abordados neste trabalho, consiste em um conflito duradouro, e que durante o ano de 2019, se apresentou em mais um momento de escalada dos ataques, em razão da impossibilidade de resolução do conflito por vias diplomáticas. Com isso, o ocorrido no ano de 2019, consistiu em uma resposta imediata a esse conflito social prolongado, após o evento que ocorreu em maio, no mesmo mês do festival. A escalada do conflito em questão consistiu no lançamento de quatro foguetes de Gaza em direção a Israel, em resposta a ataques anteriores, (G1, 2019) e que terminaram por provocar a reação islandesa na 64ª edição do Eurovisão.

A reação em específico, que foi responsável por dotar ao festival o viés político mencionado, se deu em um momento após a apresentação, durante o anúncio dos votos distribuídos às delegações. De forma tal que quando a distribuição da pontuação, a membros

⁹ “In brief, protracted social conflicts occur when communities are deprived of satisfaction of their basic needs on the basis of communal identity. However, the deprivation is the result of a complex causal chain involving the role of the state and the pattern of international linkages. Furthermore, initial conditions (colonial legacy, domestic historical setting, and the multi-communal nature of the society) play important roles in shaping the genesis of protracted social conflict.” (Azar, 1990, p.12).

da banda Islandesa: "Hatari" foi anunciada, a banda aparece para os telespectadores apresentando uma faixa com a bandeira palestina contando também com a palavra "Palestine"¹⁰, como observado na figura 1. Assim, o protesto ocorrido em meio ao festival consistiu diretamente em uma manifestação política direcionada e calculada para se chocar com os ideais dos anfitriões daquela edição.

Como resposta ao ato, o festival apresentou uma atitude esperada para um evento que preza por uma imagem "apolítica", ou seja, o resultado deste pronunciamento consiste no apontamento de que a nação infringiu, por parte de seus representantes a regra de número 2.6 do festival¹¹, e que por conta desta infração, eles teriam de arcar com uma multa¹².

O grupo Hatari, sempre se apresentou em oposição à presença Israelita sobre territórios palestinos, antes mesmo da edição do festival daquele ano, e por conta disso, fez do festival um palco para a transmissão de sua mensagem política. Assim nota-se novamente a convicção presente por trás da decisão da banda de representar seu apoio à Palestina, mesmo levando em consideração todas as questões não só políticas, bem como as consequências financeiras da manifestação por eles executada, que não só recaiu sobre a banda, como também sobre a delegação deles e a Islândia como um todo.

Em uma ocasião como esta, nota-se também a clara repercussão gerada pelos atos dos membros de uma delegação sobre seu país, visto que devido às ações dos representantes do ano de 2019, a Islândia foi obrigada a pagar pelos atos de seus representantes, para a manutenção da relação entre a organização e o país, após a quebra da regra em questão. O que permite a análise acerca da imagem de um país, e da influência exercida por ele em uma ocasião como essas, visto que por mais que o país tenha sido obrigado a arcar com os custos da infração; ainda assim, por meio da banda, foi transmitida uma mensagem que pode ser compreendida pelas demais nações participantes de diversas formas, podendo então afetar ou promover as relações internacionais entre a Islândia, Israel e os demais concorrentes. Para além disso, a manifestação em meio ao festival de canção também foi responsável por representar um ideário político no festival, foi responsável por influenciar os telespectadores a refletirem sobre a situação em Gaza, e sobre o conflito que se fazia ainda presente entre própria nação que sediava o evento e o povo palestino.

¹⁰ Palestina em inglês.

¹¹ A regra 2.6 do festival de canção da Eurovisão estipula que nenhum participante pode fazer nada como forma de expressar fins políticos.

¹² O valor da multa para a delegação islandesa não foi levado a público.

Figura 1 - Hatari com a bandeira palestina



Fonte: (Extraído da transmissão ao vivo do canal do YouTube do Eurovision.¹³, 2019)

Ao mesmo tempo e na mesma noite, outro evento de viés político e acerca do mesmo tema tomou palco no festival, durante a apresentação de intervalo da cantora convidada: a Madonna. Nesta ocasião em específico, a cantora convidada não representou seu apoio à Palestina, diferentemente do grupo Hatari, mas sim se posicionou politicamente em defesa da paz, e boas relações entre Palestina e Israel.

Esse segundo caso, ainda em meio à 64ª edição do festival, consiste na apresentação de Madonna no festival, onde em solo Israelita, a cantora traz ao palco dois dançarinos trajando respectivamente uma bandeira de Israel, e outra da Palestina, que ao final de sua apresentação, se abraçam, notar figura 2, como forma de representar a possibilidade da união e do diálogo entre os dançarinos mas aludindo a um possível diálogo entre a Palestina e Israel, para a resolução desse conflito prolongado.

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/live/Dsx4pVjUth0?si=_ZOI_U_Q6aEJRX3k

Figura 2 - Madonna pela paz entre Israel e Palestina



Fonte: (Extraído da transmissão ao vivo do canal do YouTube do Eurovision¹⁴, 2019)

Neste ato, é possível observar o Soft Power e seu poder: pela atenção direcionada ao conflito, Madonna por meio de sua coreografia e apresentação clama, por meio da cultura, pela possibilidade de união, e resolução do conflito que ainda se fazia, e faz até o momento de elaboração deste trabalho, presente no oriente médio. Já quando em relação a sanções, o ato promovido pela artista, ao que se sabe, não foi multado, diferentemente do ocorrido aos membros do Hatari e da delegação islandesa. Contudo, segundo os representantes da competição, o planejamento da manifestação que Madonna trouxe para o evento por meio das bandeiras nos dançarinos, não foi informado à organização. Assim sendo, ainda que contra os desejos da organização, a artista fez do festival um palco político, chamando a atenção para o conflito que perdura até hoje, e clamando pela resolução e paz nele. Dessa forma, politizando o festival "apolítico", mais uma vez, reportando o poder do soft power como mecanismo no processo de desenvolvimento de pensamento crítico, comunicação e da resolução dos conflitos, por meio do processo de desenvolvimento de consciência, pelo soft power, sobre os telespectadores do evento.

8.2 Edição de 2022: a vitória ucraniana e o banimento russo

Um dos mais proeminentes e recentes eventos onde a política foi vista no festival ocorreu na edição de 2022, onde em meio à declaração de guerra feita pela Rússia contra

¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/live/Dsx4pVjUth0?si=_ZOI_U_Q6aEJRX3k

outro país que também compõe o corpo dos competidores do festival: a Ucrânia, gerou no banimento da nação russa do festival.

A 66ª edição do festival, ocorrida em Turim, na Itália, ocorreu logo no ano da mais recente investida russa sobre o território ucraniano, e consequentes bombardeamentos, invasões e ataques do governo russo sobre o território ucraniano. Visto isso, e em meio a esses acontecimentos, o festival de canção publicou um comunicado em 25 de fevereiro de 2022, anunciando a proibição da participação russa no evento daquele ano, tendo esta decisão sido tomada apenas um dia após o início da “operação especial militar” promovida pelo Kremlin sobre território ucraniano.

No anúncio publicado pelas redes oficiais do festival foi definido que a exclusão da nação russa da competição não apenas havia sido uma decisão do comitê executivo do festival, como também do grupo de referência do festival, e por meio da análise das regras do evento, dos valores da emissora, tendo sido apoiada por parte do comitê televisivo da EBU, e após consulta dos membros do festival. Para além disso, em seu anúncio também foi ressaltado o fato de que o festival é apolítico e que ainda assim eles seguiram com a decisão considerando que não fazê-la poderia resultar em um possível detrimento da imagem do festival diante de seu público (Ebu, 2022).

Por meio desta atitude, observa-se que a causa da mesma consistiu em questões públicas como: a imagem e reputação do concurso, que seriam manchados por conta da participação de uma nação que diretamente estavam atingindo a soberania de outra nação, e consequentemente em como os atos da nação banida desrespeitaram os princípios de respeito à soberania nacional no cenário internacional, e por isso, não haveria solução a não ser o banimento. Ainda que a ação de se envolver diretamente com a política internacional não fizesse parte daquilo que o concurso buscava promover em suas atitudes, a realidade que se fez evidente foi a de que, em momentos de crise, que podem vir a afetar a imagem internacional do festival, e consequentemente a sua audiência, não existe opção para o concurso se não a de se apresentar publicamente em favor do Estado concorrente que esteja em posição mais fragilizada, e dessa forma, demonstrar o seu apoio à causa.

Com isso, durante a 66ª edição, apenas com a nação ucraniana, e sem o país russo, não só os diálogos que envolviam o festival, mas também os artistas envolvidos e no resultado final do evento se apresentaram de forma demasiadamente política. Neste, não só o apoio à Ucrânia foi disposto de forma orgulhosa por meio de diversos representantes falando as

seguintes palavras: “Slava Ukraini”¹⁵, bem como pelo uso de diversas bandeiras da Ucrânia por diversos participantes, e pela fala de diversos artistas em favor da paz.

Um exemplo claro de apoio que pode ser citado são as cantoras do grupo Systur, que consistiam na delegação da Islândia, mais uma vez, e que durante o evento daquele ano, se apresentaram com bandeiras ucranianas em suas mãos e instrumentos, notar figuras 3 e 4, e que ao final de sua apresentação clamam pela paz na Ucrânia, e fim do conflito (Savage, 2022).

Figura 3 - Systur e bandeiras ucranianas



Fonte: (Extraído da transmissão ao vivo do canal do YouTube do Eurovision¹⁶, 2022)

¹⁵ Glória à Ucrânia

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/VhyLh5sGRRI?si=WxVPo2vsdRuwRoSk>

Figura 4 - Mão com bandeira ucraniana



Fonte: (Extraído da transmissão ao vivo do canal do YouTube do Eurovision¹⁷, 2022)

Com isso, durante esta edição, nota-se claramente a importância do Poder Suave, pois nesta se demonstra a capacidade de se fazer frente ao poderio militar russo, por meio de canções, falas e posicionamento político. Ademais, é válido ressaltar que a proibição de participação russa ao festival poderia desencadear a negação de outras delegações de participarem do mesmo, no caso delas se posicionarem contra a atitude tomada pela direção. Contudo, o que terminou por acontecer foi a manutenção da influência do festival representada pela permanência dos demais países europeus do lado da paz e em defesa da Ucrânia, fator evidente pelo apoio gritante europeu à Ucrânia, que ficou explícito nas representações acima e na vitória esmagadora do país na competição daquele ano.

Já quando em relação ao posicionamento russo após sua remoção daquela edição, o que foi promovido pelo país foi uma iniciativa, de parte da empresa radiodifusora russa de suspender a sua inscrição sob o sistema de radiodifusão europeu. Consequentemente resultando em uma impossibilidade logística de que o país participe de edições futuras, a não ser que a radiodifusora reconsidere a sua inscrição e firme o cessar da guerra, é claro. Por meio disso, evidencia-se neste caso como a política é um claro fator definidor, ao mínimo em última instância, em um festival de tal magnitude.

Dessa forma, é necessário o retorno acerca do motivo por trás da criação deste festival para plena justificação do ato praticado pela EBU (União Europeia de Radiodifusão) na exclusão Russa do festival. Inicialmente criado para unir uma Europa recém dividida no pós

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/VhyLh5sGRRI?si=WxVPo2vsdRuwRoSk>

2ª guerra mundial, o festival Eurovisão sempre manteve como um de seus princípios mais caros a defesa da união e do amor por meio da música. Assim como estabelecido e defendido por Martin Österdahl, o supervisor executivo do festival, quando questionado sobre o impacto da remoção da Rússia do festival: “Quando olhamos para trás, pode-se ver que o Festival de canção Eurovisão é uma forma de diário dos acontecimentos europeus, de quais foram as modas da europa” (Grierson, 2022; tradução nossa)¹⁸. Além disso, o representante do festival também aponta: “Quando nós dizemos que não somos políticos, o que nós devemos sempre apoiar são os valores básicos e finais da democracia.” (Grierson, 2022; tradução nossa)¹⁹. Ou seja, por meio da fala do próprio chefe de operações do festival, nota-se claramente que a ação russa não só fere os princípios democráticos, a diplomacia entre as nações pacíficas, bem como os princípios essenciais para a participação de um festival do porte do Eurovisão. Visto isso, torna-se claro que o festival apresenta um caráter político e busca acima de tudo a defesa dos direitos e da independência das nações soberanas.

Assim, por meio da atitude russa durante o festival percebe-se a plena autonomia da nação perante o sistema internacional e europeu; e visto que a Rússia agiu desta forma, consciente das consequências políticas que ela viria a ter, tais como o banimento de participação do Eurovision, e ainda assim concluiu que a invasão da nação ucraniana deveria ser executada, o que então representa a independência nas decisões do país, e o consequente impacto político projetado sobre o festival como consequência desse ato.

Com esse caso, observa-se que há a importância do Poder Suave, pois ele detém de forças capazes de fazer frente ao Poder Duro, mostrando que ao proibir a participação da nação Russa do festival, é possível questionar e se opor às forças de cunho militar. Dessa forma, a compreensão e conhecimento das consequências tomadas pela Rússia por conta de seu ato que feriu com diversos o princípio de soberania, e não-intervenção pode então ser responsável por impedir, ou ao mínimo, limitar com que outros países europeus se sintam inclinados a compactuar, ou seguir o caminho do conflito, e intervenção. Assim, fomentando a possibilidade de se desenvolver uma Europa e consequentemente um sistema internacional como um todo, mais receoso de agir contra o bem-estar internacional, e que busca principalmente a manutenção das boas relações interestatais, em detrimento de desejos expansionistas de ganhos de território, por exemplo.

¹⁸ “It is also that when you look back in time, you see that the Eurovision song contest is like a logbook of what has happened in Europe, what the trends have been in Europe.” (Grierson, 2022)

¹⁹ “When we say we are not political, what we always should stand up for are the basic and ultimate values of democracy.” (Grierson, 2022)

A realidade que tomou palco durante o festival de 2022, foi principalmente o destaque no apoio do continente europeu à nação em guerra, sendo esse apoio evidente na vitória ucraniana, notar figura 5, por um grande total de 631 pontos (Savage, 2022), e no consequente apoio ofertado pela nação que conquistou o 2º lugar no pódio: o Reino Unido, que tornou viável a edição do ano subsequente por meio da utilização de sua estrutura própria e em sua nação, visto que a nação vencedora, ainda em meio a guerra, não seria capaz de arcar com nenhum dos três pontos cruciais para que o evento ocorra: os custos financeiros, a estrutura, e a segurança dos telespectadores, dos artistas e da equipe responsável pela sua organização e funcionamento.

Figura 5 - Kalush Orchestra e a vitória ucraniana em meio à invasão russa



Fonte: (Getty Images, 2022)

Para além disso, para o Reino Unido a sua mediação e como sede do Eurovisão daquele ano não só consistiu em um evento positivo para a Ucrânia e para o festival, mas esta utilização do território de Liverpool como sede também foi responsável por fortalecer a política do Estado frente aos demais países europeus. Esse fato se deve à questão de que o país como uma ex-nação da União Europeia, de fato seria beneficiado por um processo de fortalecimento de sua imagem, em nation branding, perante as demais nações, fato que foi possibilitado por conta de seu auxílio durante esse momento de necessidade. Assim sendo, como apresentado por Lutz e Press-Barnathan (2020), a realidade é que eventos grandes tais como o Eurovision são capazes de ajudar no desenvolvimento de uma imagem positiva dos Estados perante justamente aqueles dos quais eles buscam aprovação, acolhimento ou

identificação, sendo isso o que pôde ser desenvolvido por meio do jogo político que envolveu essa decisão, como apresentado abaixo:

Nessa linha, ser o país sede de um mega evento pode ser visto como uma forma de criar um espaço para praticar e destacar as nações e o sentimento de comunidade nelas - de forma tanto interna quanto externa - bem como por negociar uma identidade nacional complexa que pode ser composta por diversos componentes , que podem ou não ser compatíveis. (Lutz; Press-Barnathan, 2020; tradução nossa).²⁰

Dessa forma, nota-se que com a atitude inglesa, assim como apresentado anteriormente, mais uma vez nota-se a influência do soft power por meio do apoio à Ucrânia durante o ano em que se iniciou a guerra com a nação russa. Nota-se também a diplomacia cultural, com o intermédio entre as nações como forma de possibilitar o evento, e representar a cultura do país sede e país vencedor. E por fim, é notado o processo de nation branding exercido pelo Reino Unido, diante de sua oportunidade única de se destacar em meio ao cenário internacional, bem como por definir o seu lado frente ao conflito que tomava a atenção da Europa e do mundo.

8.3 Edição de 2024: o suporte à Palestina e o isolamento de Israel

Durante o ano de 2024, o festival se encontrou em um impasse, com a presença de Israel no festival, enquanto o mesmo se envolvia ainda em um conflito bélico internacionalmente conhecido, e do qual uma parcela considerável dos telespectadores tinham ciência. A realidade que se fez presente com a participação de Israel foi a divisão dos telespectadores em diversas opiniões, onde enquanto alguns se posicionavam totalmente contra a participação israelense, outros apoiavam a sua participação, discordando de qualquer processo de segregação do país, por uma guerra que não era travada contra uma outra nação participante do festival.

Nesse ano, foram evidentes diversas situações onde de forma sutil, mas clara, o apoio à Palestina foi evidenciado, e consequentemente a resposta da produção do festival foi ativa. Enfim, quanto em relação à presença israelense no festival, a defesa dos organizadores do

²⁰ Along these lines, hosting a mega-event can be thought of as generating a space for practising and highlighting nationhood—internally and externally—and also for negotiating a complex national identity, which may encompass several components, not all of which are necessarily mutually compatible (Lutz; Press-Barnathan, 2020).

evento por trás da permanência da nação, considerando a expulsão russa ocorrida dois anos antes deste evento, consistiu na argumentação de que o caso da Ucrânia divergia daquele de Gaza (Astier, 2024).

Contudo, a permissão da participação de Israel no festival, não consistiu na falta de reação internacional em meio ao evento, já que três casos podem ser destacados para ressaltar a reação em meio ao festival: o caso da representante portuguesa, o caso da Irlanda, e o caso do representante da Holanda.

O primeiro caso a ser mencionado foi a questão das unhas da representante portuguesa, Iolanda, que haviam sido pintadas em alusão aos Keffiyehs²¹ palestinos que foram censurados do programa, notar figura 6. Na publicação feita pelo festival em nome da participação da portuguesa, como feito para todos os concorrentes, a imagem de capa utilizada não foi a capturada no dia do evento em questão, em seu lugar foi selecionada uma imagem da primeira semifinal, onde as unhas da representante estavam brancas. O que evidentemente foi uma decisão do festival, de forma tal a mascarar as movimentações políticas nele presentes, mas que terminou por promover ainda mais discussões em torno do porquê desta escolha (Nogueira, 2024).

Figura 6 - Unhas em padrão Keffiyehs de Iolanda



Fonte: (Extraído da transmissão ao vivo do canal do YouTube do Eurovision²², 2024)

O segundo caso a ser pontuado consiste na proibição por parte da organização do evento de que Bambie Thug, da Irlanda, executasse a sua apresentação com algumas frases

²¹ Keffiyehs são padrões utilizados como símbolo da luta Palestina.

²² Disponível em: <https://youtu.be/OZn4-H6JvKU?si=A5HBIzfoKI0D4F9V>

pró-palestina em linguagem Ogham, que se trata de um alfabeto antigo irlandês. As palavras e frases escritas no dialeto antigo consistem em pedidos pelo fim da guerra "ceasefire", falas como "palestina livre", no lugar delas, Bambie utilizou a frase "corem a bruxa" (tradução nossa) ²³. Neste, nota-se mais uma vez a tentativa de manifestações políticas no festival, e consequente proibição por parte da organização, contudo, faz-se claro o fato de que mesmo que Bambie não tenha ido ao palco com a citação que deseja, apenas o fato de sua frase ter sido negada foi responsável por promover o diálogo acerca desta questão entre os telespectadores do festival, e consequentemente, foi capaz de trazer a tona o soft-power inerentemente presente em manifestações públicas e televisionadas tais como o Eurovision (Bowers, 2024).

Para além disso, é válido ressaltar a forma pela qual a representante Israelense teve a sua acolhida no festival, desde a ida ao evento até as suas apresentações, e a forma na qual ela foi tratada pelos demais participantes e organização. Primeiramente, quando em relação à chegada da Israelense Eden Golan, a representante de 2024, ela teve de ser levada para dentro da competição com o nível mais alto de segurança, por conta do receio da organização sobre possíveis ataques a ela, e à sua delegação. Fora isso, a representante também afirmou ter sido instruída a não sair de seu hotel, e teve em todos os momentos uma equipe de seguranças a rodeando.

Por meio das falas de Eden em entrevistas, é perceptível que ela não era bem-vinda ao festival por parte dos participantes, ou seja, ainda que o festival em si tivesse incentivado a sua participação, seus conterrâneos, em grande parte, não compactuam do mesmo pensamento. Uma atitude a se destacar veio do cantor holandês Joost Klein, que ao ser posicionado ao lado da cantora israelense, e ao vê-la responder perguntas feitas pelos repórteres a ela, ele se cobriu com a sua bandeira de forma a evitar se visto ou fotografado ao seu lado, notar a figura 7. Fora isso, ainda na coletiva de imprensa dos semifinalistas, não faltaram falas que iam diretamente contra a participação israelense no festival.

²³ "crown the witch" (versão original)

Figura 7 - Joost Klein escondido por debaixo da bandeira Holandesa



Fonte: (Jessica Gow/TT News Agency via AP, 2024)

Assim, essas falas e atitudes terminaram por estabelecer uma opinião política clara sobre o evento: a ideia de que a presença israelense era equivocada, e que a decisão da organização não compactuava com o que os competidores e público acreditavam. Em meio a todos os concorrentes, apenas uma competidora foi vista conversando com a Eden, sendo esta a concorrente por Luxemburgo: Tali Golergant que coincidentemente também é israelense, tal como Eden.

Finalmente, ainda em relação à 68ª edição do festival, a música selecionada para representar Israel na competição daquele ano: Hurricane, não pode ir ao palco da forma a qual ela havia sido escrita inicialmente, o que se deu por conta do teor político presente na canção que foi apontado pela organização do festival. Assim inicialmente, a canção israelense se apresentava como uma referência muito clara ao ataque de 8 de outubro de 2023, se nomeando de início como: "October Rain", em alusão ao ataque de Hamas de 7 de outubro de 2023. Na versão original da canção, eram mencionadas as vidas de crianças perdidas, e eram feitas referências a flores, que servem como símbolos pela representação de fatalidades advindas de guerras; com isso, a versão original da canção apresentava uma perspectiva mais política do que aquela que o festival estava confortável em aceitar. Finalmente, depois de um processo de reescrita, a canção foi adaptada de "October Rain" para "Hurricane", tendo esta mudança sido feita também com a alteração sobre o teor da letra da música (Astier, 2024).

Com esses eventos, observa-se o soft power e a diplomacia cultural, isso nota-se nas escolhas dos participantes sobre o que e quem que eles iriam apoiar, e nas formas nas quais

eles utilizaram para evidenciar suas opiniões, durante o evento ao vivo, durante o festival de canção, sem que suas representações pudessem ser silenciadas, e que consequentemente, seus posicionamentos pudessem ser observados pelo público e mais uma vez, que o pensamento sobre a situação pudesse ser proporcionada.

8.4 Edição de 2026: o preâmbulo do conflito causado pela contínua participação israelense

Ainda em 2026, após os conflitos provocados pela participação israelense nas edições do festival de 2024 e de 2025, a organização do festival reafirma sua posição de apoio à participação de Israel no concurso. O resultado deste tipo de decisão tem sido o desencadeamento de ameaças de retiradas de diversos países europeus do festival, por decisão própria das nações. Neste grupo de países ativamente contra a participação israelense no festival se incluem: a Espanha²⁴, a Irlanda, a Islândia, e a Eslovênia (Stror, 2025).

Os demais países, que não fazem parte do grandes cinco e que se posicionaram contra a sua participação no festival caso esta participação ocorresse ao lado de um representante israelense teve um teor mais fraco, por conta do poder exercido por esses países. Contudo, com a adição de um país como a Espanha na lista de países contra esta participação possibilita a maior massa de manobra, e consequentemente soft power, por parte dos países que apoiam a decisão de saída de Israel da competição, quando em meio à guerra.

Para além disso, as acusações sobre a participação israelense sobre o festival não se limitam a isso, já que o ministro da cultura espanhol se posicionou em defesa de que a participação israelense no concurso significa que o festival estaria ativamente se negando a observar as ações que se passam no oriente médio (Stror, 2025).

8.5 Demais edições e seu teor político

Para além das ocasiões citadas, e como forma de ilustrar a afirmação anteriormente descrita de que houveram diversos fatos políticos no festival para além daquilo já discorrido nesta sessão, podem ser mencionados.

²⁴ País que compõe um dos grandes cinco, ou seja, um dos países que mais investe no festival, e que consequentemente possui maior força e poder frente à organização.

O caso do ano de 2009, foi um acontecimento clássico do festival, nele, o que terminou por ocorrer foi o impedimento da participação da Geórgia no Eurovisão, por conta do teor político da canção selecionada para a competição naquele ano que se chamava: “We Don’t Wanna Put In”²⁵, que se tratou de um trocadilho com o nome do presidente Russo: Vladimir Putin. Este caso ocorreu durante a 54ª edição do festival, que coincidentemente ocorreu em território russo, após a vitória do país no ano anterior. Esse caso representou de forma clara o desejo de impor a política de forma evidente sobre o festival como forma de soft power e defesa dos ideais da nação.

O segundo ponto consiste na proibição de participação da concorrente russa da 62ª edição do festival, em 2017, esse festival em específico ocorria em Kiev, na Ucrânia, e como delegação anfitriã do evento, ela foi capaz de proibir a participação de Yulia Samoylova, por conta de uma visita ilegal feita pela russa à Crimeia, após a sua anexação a Rússia em 2014. Como resposta, o canal responsável pela transmissão do festival no país, não possibilitou a transmissão por conta da decisão claramente política tomada em nome do festival por meio do país anfitrião (Brady, 2022).

O terceiro ponto a se destacar consiste em uma sequência de ações que vêm ocorrendo nos últimos anos no que diz respeito ao festival, que se estendem desde a manifestação em redes sociais de diversos telespectadores que defendem que não irão mais compor a audiência do festival, até a protestos políticos em frente ao local do evento, tendo esta movimentação não só ocorrido em 2024, como também se fez presente no ano de 2025.

O quarto momento onde se vê a política presente no festival consiste no ano de 2001, quando a Estônia foi coroada vencedora do festival naquela edição, isso marcando a primeira vitória de um país que já fez parte da União Soviética. Com a vitória da nação, o primeiro-ministro estoniano anunciou que o próximo passo a ser tomado pelo país seria o de “cantar” o seu caminho até a União Europeia (Brady, 2022). Aqui, mais uma vez nota-se o nation branding e a capacidade de uma nação de construir a imagem que ela busca transmitir para os demais países.

Já o quinto momento, e que mostra a persistência de eventos políticos no festival desde a sua criação, consiste na saída do festival por parte da Áustria, no ano de 1969. Essa saída se deu por conta da política presente na Espanha durante aquele período, que era o país que sediava o festival naquele ano, já que a nação estava submetida a um governo ditatorial,

²⁵ “Não queremos colocar para dentro” em tradução ao pé da letra, mas que em significado consiste em um jogo de palavras para dizer: “não queremos Put In” em referência ao presidente russo (Tradução Nossa)

sob Francisco Franco, que terminou por durar 39 anos, e por se responsabilizar pela morte de milhares de pessoas bem como por abusar diversos direitos humanos (Brady, 2022). Já esta atitude consistiu em uma representação de diplomacia cultural, e de decisões muito conectadas com o corpo diplomático de uma nação e que terminam por representar seus posicionamentos frente às questões às quais os Estados se sujeitam.

Em outros momentos onde a política se faz presente de uma forma mais amena e lúdica também pode ser apontada no histórico de votos dos países, onde determinadas nações frequentemente votam umas pelas outras, como forma de composição dos laços entre os Estados. Este caso em específico se observa em alguns países, mas ele toma destaque principalmente por conta da relação entre Grécia e Chipre, países que na grande maioria das vezes, oferecem abertamente um ao outro, a pontuação máxima no voto dos jurados, os doze pontos. Essa troca de pontos anuais é tão comum entre os dois países que nas raras vezes onde eles não oferecem essa pontuação, os sites de notícias já seguem para divulgar o ocorrido. Esse fato pode ser observado no ano de 2015, onde pela primeira vez os dois países não ofereceram os pontos, ambos optando por entregar esta pontuação à Itália, e ofertando um ao outro uma pontuação inferior.

9 CONCLUSÃO

Com isso, é essencial o retorno à pergunta que foi responsável por nortear esse trabalho que pauta sobre a veracidade do distanciamento político do festival de canção Eurovisão e a política. Após a análise detalhada, por meio de estudos de caso, notícias e publicações jornalísticas da época desses eventos e do constante distanciamento que o festival sempre promoveu quando em relação à política que sempre o rodeou, bem como da abordagem teórica, por meio da reflexão acerca do soft power, da diplomacia cultural e da influência da música sobre as relações internacionais, uma conclusão acerca do tema pode ser definida.

O soft power, por meio de seu poder de influência, é então capaz de promover movimentações políticas as quais são desejadas para o desenvolvimento de ideários, e noções coletivas, se fazendo presente no festival em diversos momentos; já por meio da diplomacia cultural a política também pode ser observada, por meio da promoção de cultura, valores e identidade frente a um cenário internacional; já a música dentro das relações internacionais, é capaz de agir como uma propulsora das relações de compreensão, adequação, e união, sendo o próprio festival um dos maiores defensores da utilização da música como fator de promoção de união por meio de seu lema “unidos pela música”²⁶(tradução nossa); ademais, por meio do processo de nation branding mais uma vez observa-ser o poder político que pode ser promovido pelos estados ao participarem como sede dos eventos, principalmente no que tange a forma na qual eles serão percebidos pelos demais competidores, e público, e a política por trás das decisões pela manutenção de uma imagem ideal frente ao externo.

Acerca do festival de canção como instituição, ainda que ele em si, permaneça como uma presença que se defenda como apolítica e aquém dos ideais políticos sobre ela carregados, como forma de proporcionar um palco aberto pela união dos diversos participantes independentemente de fatores étnicos, culturais e de seus valores, contanto que estes não transbordem pelo caminho político em meio de suas manifestações, a realidade que sempre permanecerá será sua incapacidade de organizar, ou impor, a ausência da política no festival. Isso se deve pelo fato de que, ainda que os mesmos sejam capazes de proibir certas palavras, bandeiras, manifestações políticas internas, letras de canções e até trajes ou escritas que sejam muito próximas a linha tênue entre expressão pessoal e posicionamento político, o festival não consegue limitar as manifestações políticas persistentes no evento.

²⁶ United by music

Com isso, ainda que o festival de canção Eurovisão, permaneça em uma constante luta pela defesa de seu ideário apolítico, acreditando e sustentando-se sobre um viés de que toda sua existência seja definida, por completo, pelo processo de união por meio da música, o que se fez evidente por meio desta análise foi o fato de que o mesmo não é capaz, de forma eficaz, de se isolar dos eventos políticos nele ocorridos e por ele promovidos. Ainda que músicas sejam reescritas para serem distanciadas de seu teor político, como foi o caso de Israel em 2024; ou que países sejam banidos da competição por conta do que a participação deles implicaria para o festival (a perda de sua reputação por exemplo) como foi o caso russo de 2022; ou para além destes, em um caso emblemático de não participação de algum dos Estados por conta de princípios morais, como foi o caso da Áustria em 1969, e que pode vir a se tornar o caso no ano subsequente, 2026, por conta da participação de Israel, e persistente negatividade em torno desta participação por parte de algumas das nações competidoras, ainda assim, o teor político permanecerá presente no evento.

Assim, apenas por meio de uma organização não estatal, mas internacional, e das regras particulares do evento, não é possível o estabelecimento da limitação das manifestações políticas dos atores fora do evento, de suas opiniões depois do mesmo. Para além disso, o próprio evento não é capaz de controlar as atitudes da audiência, como observa-se nas ações já anteriormente mencionadas: dos boicotes em nome de ideais políticos, e da consequente falta de ação da organização perante eles. Ou seja, a impossibilidade de atitude reativa frente aos ideais políticos vinculados ao evento, ainda que não defendidos pelo mesmo, não podem ser controlados, e por isso, o viés político se mantém inerente ao evento.

Finalmente, em conclusão, ainda que a organização do festival de canção eurovisão seja apolítica, todo o contexto que envolve sua existência, que vai desde os cantores, às delegações, à audiência, aos significados por trás das canções, roupas, esmaltações, e bandeiras, não poderão ser limitadas por decisões unilaterais e pontuais. Consequentemente, o festival não poderá nem conseguirá, ao menos não da forma que ele existe na atualidade, romper com o teor político e sua constante persistência em meio ao evento.

REFERÊNCIAS

- AFP. *Iceland fined for pro-Palestinian protest at Eurovision song contest in Tel Aviv*: Its entrant, Hatari, brandished scarves with Palestinian flags even though competition bars political gestures. *The Times of Israel*, [S. l.] p. 0-9, 21 set. 2019. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/iceland-fined-for-eurovision-pro-palestinian-protest-at-tel-aviv-final/>. Acesso em: 8 set. 2025.
- ARGYRIOU, Giannis. *EuroVisionary Skip to content News Eurovision Fan Panel Countries Eurovision 2022 About Us EuroVisionary on Facebook Twitter YouTube Instagram Patreon Frustrations in Greece and Cyprus for not exchanging the (usual) 12 points*. [S. l.], 4 jun. 2015. Disponível em: <https://eurovisionary.com/frustrations-greece-cyprus-not-exchanging-usual12points/#:~:text=In%201999%2C%20televoting%20was%20introduced,and%208%20points%20to%20Greece>. Acesso em: 15 out. 2025.
- AZAR, Edward. *The Management of Protracted Social Conflict: Theory and Cases*. [S. l.]: Dartmouth, 1990. ISBN 1855210630, 9781855210639. Acesso em: 8 nov. 2025.
- BOWERS, Shauna. *Eurovision: Bambie Thug was asked to remove pro-Palestinian Ogham writing for performance*. *Irish Times*, [S. l.], 8 maio 2024. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/culture/music/2024/05/08/eurovision-bambie-thug-was-asked-to-remove-pro-palestinian-ogham-writing-for-performance/>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- BRADY, Kate. *10 times Eurovision turned political*: It's that time of the year again: Eurovision is upon us, but it isn't all about sequins and songs. Here are 10 times that politics trumped performance in the song contest. [S. l.]: DW, 13 maio 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/en/10-times-eurovision-turned-political/g-38784190>. Acesso em: 8 nov. 2025.
- COUTO, Amauri. *Diplomacia Cultural: O que é, Importância e Como é Exercida*. *The Conversation*, [S. l.], p. 1, 24 out. 2025. Disponível em: <https://esri.net.br/diplomacia-cultural/>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- DIXON, Hannah. *Why is Australia in Eurovision?*. [S. l.], 9 maio 2024. Disponível em: <https://reporter.anu.edu.au/all-stories/why-is-australia-in-eurovision>. Acesso em: 5 out. 2025.
- EBU statement regarding the participation of Russia in the Eurovision Song Contest 2022. *Eurovision Song Contest*, [S. l.], 25 fev. 2022. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1Aj76_q-I8yi4IFM8Ba2mvirvfvADHvIPdNOhYs6eUmo/edit?tab=t.0. Acesso em: 9 nov. 2025.
- EDEN Golan flies off for Eurovision amid heightened security concerns. *I24 News*, [S. l.], p. 1, 30 abr. 2024. Disponível em: <https://www.i24news.tv/en/news/israel/culture/artc-eden-golan-flies-off-for-eurovision-amid-heightened-security-concerns>. Acesso em: 12 nov. 2025.
- EUROVISION: onde a política e a música se encontram. [S. l.], 13 out. 2021. Disponível em: <https://babel.webhostusp.br/?p=365>. Acesso em: 2 out. 2025.
- EVERYTHING to Know About Eurovision 2025. *TIME*, 16 maio 2025. Disponível em: <https://time.com/7285810/eurovision-2025-when-how-to-watch-basel-switzerland-protests-israel>. Acesso em: 2 out. 2025.
- FERNANDES, Dmitri Cerboncini; SANDRONI, Carlos. *Música & ciências sociais: para além do descompasso entre arte e ciência*. Curitiba: Prismas, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i66p240-245>.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/J7NckNH8rFyyLRLvwXjwpGG/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2025.

FRICKER, Karen; GLUHOVIC, Milija (ed.). *Performing the 'New' Europe: Identities, Feelings and Politics in the Eurovision Song Contest*. [S. l.]: Palgrave MacMillan, 2013. p.264.

GARCÍA-GÁMEZ, María; MORENO-ORTIZ, Antonio. *The Politics of Eurovision: A Case Study of the United Kingdom's 2021 and 2022 Participations as Expressed on Social Media*. *Revista de Lingüística y Lenguas Aplicadas*, [S. l.], v. 19, p. 56-70, 20 mar. 2025. DOI <https://doi.org/10.4995/rlyla.2024.19366>. Disponível em: <https://polipapers.upv.es/index.php/rdlyla/article/view/19366>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GILLISPIE, Branson. “*We Don't Wanna Put In*”: A Case Study of Georgia at the 2009 Eurovision Song Contest. *Yale Journal of International Affairs*, [S. l.], p. 1, 23 maio 2024. Disponível em: <https://www.yalejournal.org/publications/we-dont-wanna-put-in>. Acesso em: 27 nov. 2025.

GLYNN, Paul. *Eurovision has never been about politics*, says BBC boss Tim Davie. BBC, [S. l.], 9 out. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cp8jd108e3qo>. Acesso em: 23 nov. 2025.

GRIERSON, Jamie. *Eurovision chief says Russia ban stands for 'ultimate values of democracy'*: Speaking to Abba's Björn Ulvaeus on Radio 4, Martin Österdahl says contest is about 'uniting through music'. [S. l.], 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2022/dec/30/eurovision-chief-russia-ban-stands-for-ultimate-values-democracy#:~:text=Russia%20was%20banned%20from%20competing,taking%20part%20in%20future%20contests>. Acesso em: 2 out. 2023.

G1. *Após 600 foguetes disparados, Israel ordena ataques em massa na Faixa de Gaza*. G1, [S. l.], 5 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/05/apos-600-foguetes-disparados-israel-ordena-ataques-em-massa-na-faixa-de-gaza.ghtml><https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/05/05/apos-600-foguetes-disparados-israel-ordena-ataques-em-massa-na-faixa-de-gaza.ghtml>. Acesso em: 8 nov. 2025.

HOW to take part in the Eurovision Song Contest?. [S. l.], 04 nov. 2019. Disponível em: <https://eurovision.tv/about/how-to-take-part>. Acesso em: 5 out. 2025.

HOW the Eurovision Song Contest works. [S. l.], ago. 2025. Disponível em: <https://eurovision.tv/about/how-it-works>. Acesso em: 5 out. 2025.

LUTZ, N.; PRESS-BARNATHAN, G. *The multilevel identity politics of the 2019 Eurovision Song Contest*. *International Affairs*, [S. l.], v. 96, n. 3, p. 729-748, 1 maio 2020. DOI <https://doi.org/10.1093/ia/iiaa004>. Disponível em: <https://academic.oup.com/ia/article-abstract/96/3/729/5810417>. Acesso em: 19 mar. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

MINGST, Karen; ARREGUÍN-TOFT, Ivan. *Essentials of International Relations*. 7. ed. [S. l.: s. n.], 2016.

MUSIC DIPLOMACY IN PRACTICE: THE EUROVISION SONG CONTEST. In: CPD. *Eurovision: Identity and the International Politics of the Eurovision Song Contest since 1956*. [S. l.], 6 fev. 2018. Disponível em: <https://uscpublicdiplomacy.org/story/music-diplomacy-practice-eurovision-song-contest>. Acesso em: 18 maio. 2025.

NOVAIS, Bruno. *O QUE É DIPLOMACIA CULTURAL?*. *InterAção*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 59-60, jul. 2020. DOI <https://doi.org/10.5902/2357797547497>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/47497>.

NOGUEIRA, Rodrigo. *As várias polémicas da tensa Eurovisão, que tentou esconder as unhas de iolanda: As várias polémicas da tensa Eurovisão, que tentou esconder as unhas de iolanda* O evento que se assume apolítico foi marcado pela presença de Israel e o descontentamento do público, dos concorrentes e das delegações. <https://www.publico.pt/2024/05/12/culturaipylon/noticia/varias-polemicas-tensa-eurovisao-tentou-esconder-unhas-iolanda-2090146>. 12 maio 2024. Disponível em: <https://www.publico.pt/2024/05/12/culturaipylon/noticia/varias-polemicas-tensa-eurovisao-tentou-esconder-unhas-iolanda-2090146#>. Acesso em: 11 nov. 2025.

NYE, Joseph. *Soft Power*. Slate Group, LLC, [S. l.], v. 80, p. 153-171, 20 mar. 2025 [1990]. DOI <https://doi.org/10.2307/1148580>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1148580?typeAccessWorkflow=login>. Acesso em: 20 mar. 2025.

ÖZER, Zeynep; AYDEMIR, Faith; EĞİLMEZ, Hatice. *The power of music in international relations from historical and contemporary perspectives*. Motif Vakfı, [S. l.], p. 1172-1182, 22 out. 2024. DOI 10.12981/mahder.1572061. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/393199512_THE_POWER_OF_MUSIC_IN_INTERNATIONAL_RELATIONS_FROM_HISTORICAL_AND_CONTEMPORARY_PERSPECTIVES. Acesso em: 22 nov. 2025.

RAY, Michael. *Eurovision Song Contest*. Britannica, 21 maio 2010. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/Eurovision-Song-Contest>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SAVAGE, Mark. *Eurovision 2022: Ukraine wins, while the UK's Sam Ryder comes second*. BBC, [S. l.], 14 maio 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-61452678>. Acesso em: 9 nov. 2025.

SAVAGE, Mark. *Israel reveals Eurovision song after weeks of wrangling*. [S. l.], 11 mar. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-68533031>. Acesso em: 5 out. 2025.

STROR, Catherine. *Countries are threatening to boycott Eurovision over Israel's inclusion. How will Australia respond?*. The Conversation, [S. l.], p. 1, 23 set. 2025. Disponível em: <https://theconversation.com/countries-are-threatening-to-boycott-eurovision-over-israels-inclusion-how-will-australia-respond-265747#:~:text=Last%20week%2C%20Spain%20joined%20Ireland,or%20be%20able%20to%20vote>. Acesso em: 18 nov. 2025.

THE ORIGINS of Eurovision. [S. l.], 27 maio 2019. Disponível em: <https://eurovision.tv/history/origins-of-eurovision>. Acesso em: 1 out. 2025.

THE SONGS of Basel 2025 hit the charts across the Globe. [S. l.], 26 maio 2025. Disponível em: <https://eurovision.tv/story/songs-of-eurovision-2025-hit-charts>. Acesso em: 5 out. 2025.

VULETIC, D. (2018). *The Eurovision Song Contest in the Musical Diplomacy of Authoritarian States*. In: Ramel, F., Prévost-Thomas, C. (eds) *International Relations, Music and Diplomacy. The Sciences Po Series in International Relations and Political Economy*. Palgrave Macmillan, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-63163-9_10

ZANELLA, Cristine; JUNIOR, Edson; SILVA, Livia. *Open-access Cultural Diplomacy and Soft Power: critical analysis and methodological application*. Revista Brasileira de Política Internacional, [S. l.], p. 1-18, 1 ago. 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/0034-7329202400112>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/rK8SGB5sT9wRGnXPc9Bc57f/?lang=en>. Acesso em: 12 abr. 2025.